

BARBOSA LIMA SOBRINHO *

Já no tempo do Império, o assunto preocupava o noticiário, com as viagens que fazia o imperador. Os meios de transporte deixavam muito a desejar, com as liteiras e carruagens que por si só não eliminavam a preocupação dos viajantes. Até que surgiu a estrada de ferro, limitada a poucas regiões do imenso território nacional. Que o diga Tiradentes, com o tortuoso itinerário de que se serviu, para vir de Vila Rica, em Minas Gerais, à então capital do Brasil.

Dom Pedro II não tinha temperamento sedentário. Era andejo por índole, levado pela curiosidade de encontrar novos ambientes e costumes diferentes. Mas, veja-se, a respeito um excelente estudo que se deve ao historiador Rodolfo Garcia, publicado numa sessão comemorativa de *O Jornal*, de 2 de dezembro de 1925, quando se completava o centenário de Pedro II, e transcrito num número especial da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, transcrevendo artigo dos principais jornais brasileiros. Só os artigos de *O Jornal* ocupavam metade do grosso volume do Instituto Histórico, superando a contribuição do próprio *Jornal do Commercio*.

O estudo de Rodolfo Garcia enumerava as viagens realizadas pelo imperador, no Brasil e no estrangeiro. Parece que andava em férias aquele famoso "bicho carpinteiro", que despertava, nas suas vítimas, o gosto ou a mania de viajar que me parece que anda a serviço das empresas de turismo. Nos tempos de Pedro II, os

tesouros artísticos da Europa estavam sempre presentes, no programa dos viajantes. E como não se generalizara o gosto pelas viagens, não foram muitas as de Pedro II, segundo nos dá notícia Rodolfo Garcia.

Pelo que se sabe, as viagens dentro do Brasil não passaram de três, além das visitas às cidades próximas do itinerário. A primeira, aliás, por força da invasão das tropas do Paraguai no Rio Grande do Sul. O que não deixava de demonstrar o zelo na defesa do território brasileiro. O que deu margem também à presença do imperador na província de Santa Catarina, decerto também ameaçada pela presença, no Rio Grande, pelas tropas de Solano López.

Numa segunda viagem, o imperador se deteve nas províncias do Norte, a Bahia, Pernambuco, com um pequeno desvio pela Paraíba. O que incluía, como seria de esperar, uma visita à cachoeira de Paulo Afonso. Também não foi esquecida a província do Espírito Santo, que já parecia indicada para plano de colonização. Tudo indicava que D. Pedro II tinha maior interesse pelas viagens ao exterior, como a que fez aos Estados Unidos, na oportunidade da descoberta do petróleo, em 1858, quando o americano Drake viu jorrar, de uma abertura que fizera no solo, um líquido oleoso que iria se tornar objeto de tantas pesquisas e aplicações no mundo daquela época. A base principal de energia ainda era o querosene, com aplicações inumeráveis, que os americanos souberam utilizar, tanto na iluminação, como nas serventias domésticas. O imperador brasileiro tinha um interesse ou um amor

especial às aplicações das descobertas. Dai a razão para que deixasse em Nova Iorque a esposa e viajasse até a Pensilvânia, para ver de perto um produto que começara a incendiar o universo. Queria ver os poços de que estava jorrando um líquido que iria modificar o mundo. Na verdade a curiosidade de um instinto de reportagem o acompanharia na sua viagem à Europa a visitar um grande escritor da época, Victor Hugo, que havia voltado ao seu país, com a queda do governo de um sobrinho de Napoleão, que ele havia classificado, para a eternidade, como "Napoleão, o Pequeno".

Antes de seu exílio, D. Pedro II ainda fizera uma nova viagem à Europa, embora essa fosse para tratamento médico. É de se notar que no seu roteiro, o Norte do Brasil só se incluía de passagem, com destino aos Estados Unidos, para ver de perto os produtos da indústria mundial, na Exposição Universal de Filadélfia, em 1876. Chegara a Nova Iorque a 15 de abril e partiu com destino à Europa a 20 de junho. Fora, aliás, aos Estados Unidos, a convite do presidente Ulysses Grant, o herói da guerra de secessão.

Não era muito. Três ou quatro viagens ao estrangeiro em 48 anos de reinado, o que daria uma viagem de 12 em 12 anos, decerto o mínimo para um temperamento inquieto, sempre a postos para os convites que chegassem. Viagens que importavam em despesas para a própria nação, numa índole que não gostava de dispor dos dinheiros do Estado, como deu sempre provas, no decorrer de seu reinado. E ainda há que contar com as despesas da comitiva, que depende

do sentimento de grandeza da autoridade do chefe de Estado ou dos seus auxiliares que também gostem de viajar. Além disso, há que se contar com os diplomatas estrangeiros que consideram serviço pessoal levar ao seu país um chefe de Estado, o que exige desses mandatários convidados um novo exame do interesse de seu país em fazer as despesas que venham pesar no orçamento público. Não está em causa tão-somente o interesse do chefe de Estado em aceitar os convites que lhe são feitos. Há também que pensar na situação do Tesouro, sempre que se trata de qualquer representação que afete o orçamento do Estado.

D. Pedro pensava tudo isso. Não se deixava arrastar pelo deslumbramento de sua vaidade pessoal. Não queria despender, em proveito próprio, o dinheiro do povo brasileiro. E as viagens que fez aos países estrangeiros e até mesmo os gastos com visitas aos estados brasileiros documentam tudo isso e decerto aumentam, no coração de todos os brasileiros, o respeito e a estima ao imperador.

É a conclusão a que se chega, na leitura do excelente artigo do mestre Rodolfo Garcia. E o que chama a nossa atenção é que o imperador só conhecesse as províncias do Norte do Brasil, no itinerário de sua viagem aos Estados Unidos, inclusive o Pará — o que nos leva à conclusão de que D. Pedro II não chegara a conhecer a Amazônia, que está hoje no centro das atenções de todos os brasileiros, pela cobiça que desperta.